

TINTEIROS
DA CASA
E DO
CORAÇÃO
DESERTOS

DIEGO MENDES SOUSA

“A poesia é um misterioso passar pela plenitude das vivências humanas e das planificações sobrenaturais. Vejo-me caminhando no escuro, porque a criação poética é inesperada. Ora dar-se generosa, ora teima em ser ingrata. A epifania da poesia instiga a espera. Todo poeta se abisma em um círculo. Seus temas escapam. Sua visão de mundo cresce. Suas experiências se contradizem ou se desdizem. No entanto, a essência mantém-se ali, no centro dos seus motivos e dos seus sentimentos.

A poesia é um ato de coragem e de justiça consigo mesmo. É a porta de saída para as misérias e as tristezas do ser. Ela também festeja as alegrias, mas essas, vêm disfarçadas de amplidão no tempo. É a abertura da claridade, quando afastada a pertinência da solidão.

O Poeta anuncia o presente e alarda o futuro, ao mesmo tempo em que preserva o passado. E nessa imersão de tempos, acaba por ser a memória sentimental da sua gente sanguínea, dos seus conterrâneos e dos seus contemporâneos.

A poesia é sempre a boa nova. Ela é a ressurreição da beleza em último estágio. Primeira dentre todas as artes, mergulha essencialmente em cada peça artística, seja na música, na pintura, no cinema... Bach é perfeição! Van Gogh, enigma! Pasolini, alucinação! A poesia medeia a criatividade. É porta-estandar-te da loucura e do onírico, precedendo

Paulo
Lopes de Jesus

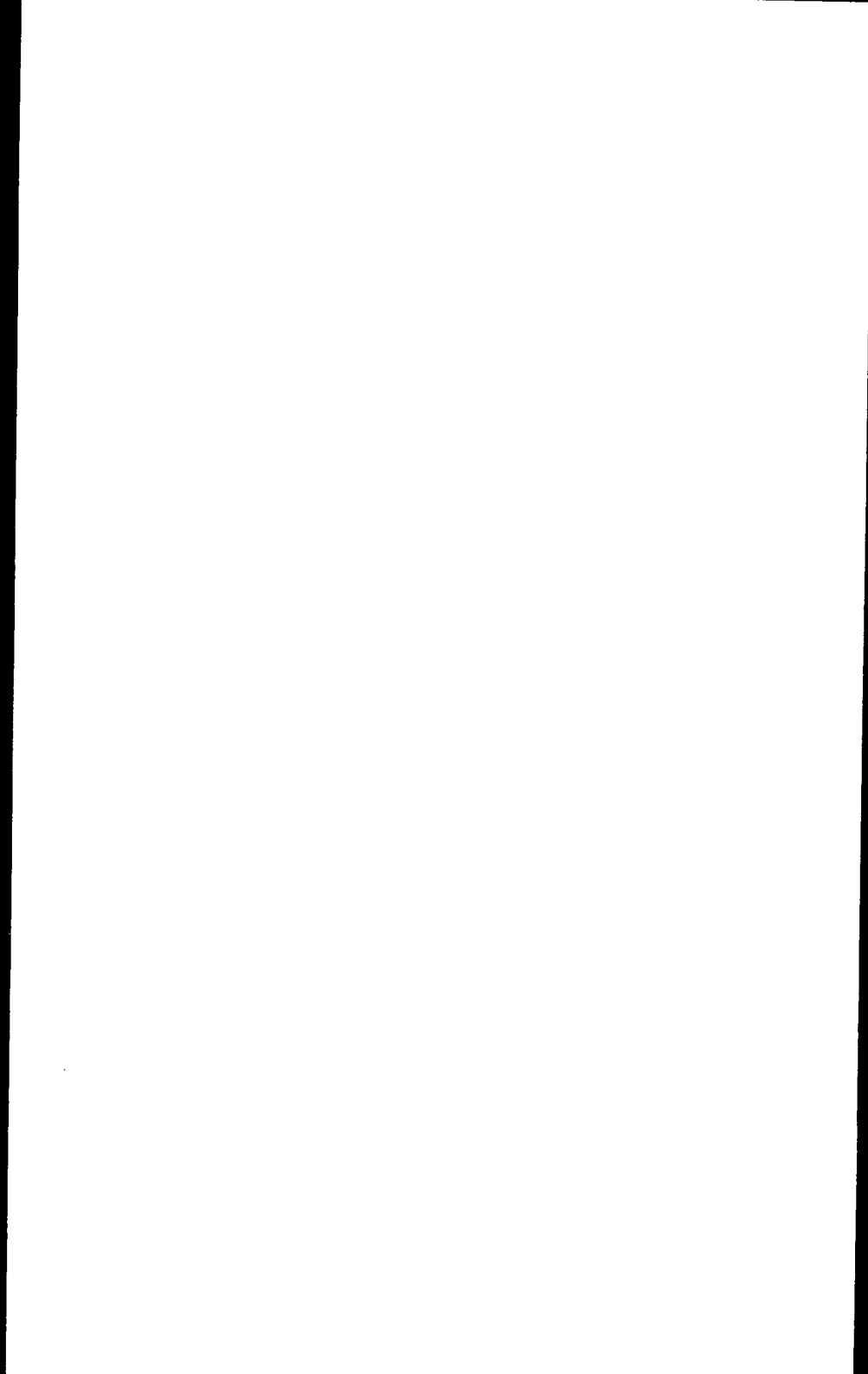
TINTEIROS
DA CASA
E DO
CORACÃO
DESERTOS


com o afeto de

Dig
199

Paulo
Antônio

30-05-2019





TINTEIROS
DA CASA
E DO
CORAÇÃO
DESERTOS

DIEGO MENDES SOUSA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Altair Maria Sousa Marinho

IMAGEM DA CAPA: *Melancholia* (1894), Edvard Munch

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725t SOUSA, Diego Mendes. 1989 –
Tinteiros da casa e do coração desertos / Diego Mendes Sousa. –
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.
100 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-488-4

I. Poesia I. Título.

CDD: B869.93

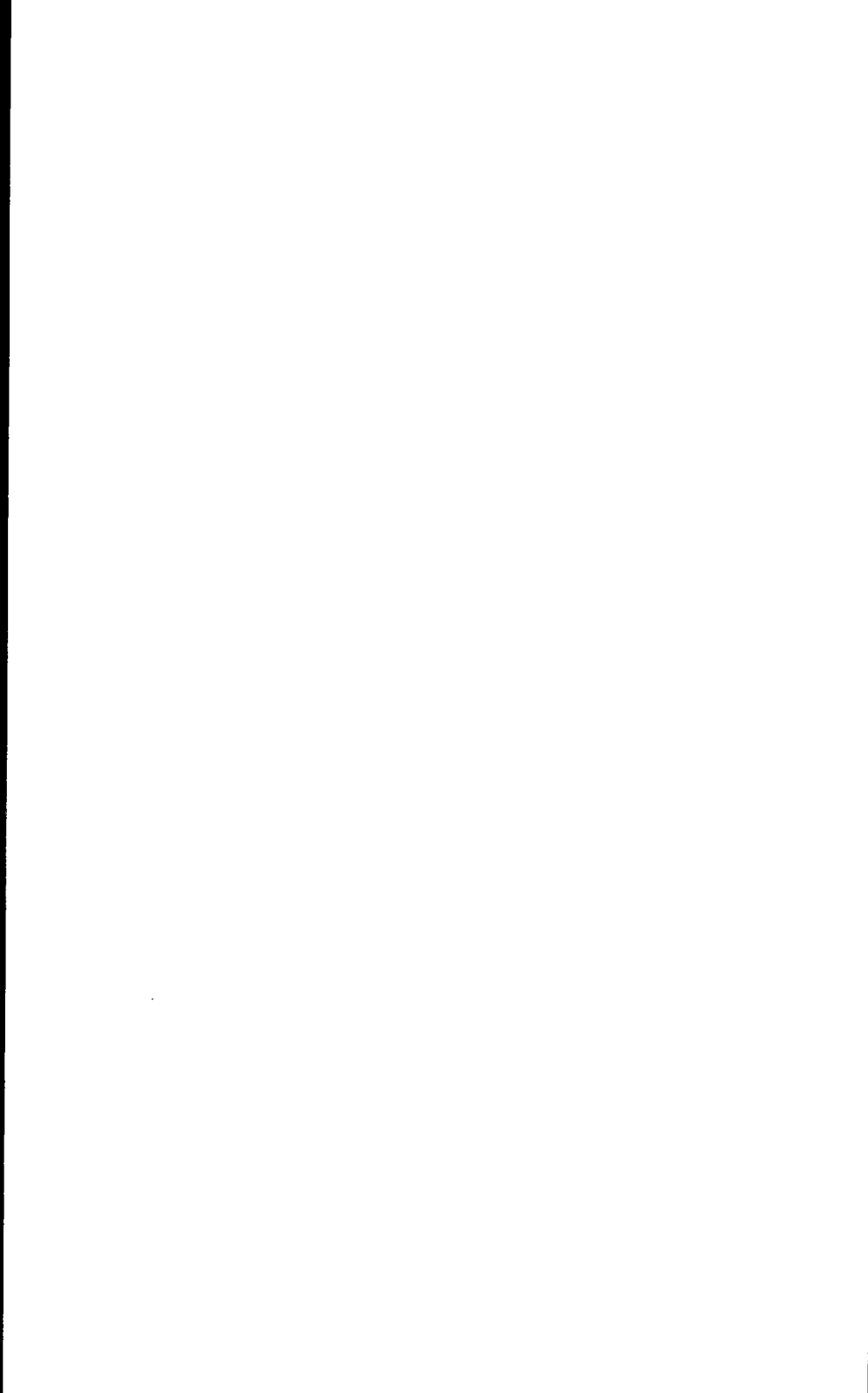
Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

*Para Maria José Ferreira, Silvana
Mendes e Altair Marinho,
musas-mores*



SUMÁRIO

- 9 AS DIVERSAS FACES DO TEMPO EM “TINTEIROS DA CASA E DO CORAÇÃO DESERTOS”
- 13 TINTEIROS DO ESCURO MERGULHO
- 14 TINTEIROS DE SEGAR RAÍZES
- 15 TINTEIROS DA CEIA DA FAMÍLIA
- 17 TINTEIROS DO ALENTO DO AMOR
- 19 TINTEIROS DO ANDRAJOSO NAUFRAGADO
- 21 TINTEIROS DO ANDEJO SEM RUMO
- 22 TINTEIROS DA PROPENSÃO ALMEJADA
- 23 TINTEIROS DA CASINHOLA DE PASSARINHO
- 24 TINTEIROS À BILAC
- 25 PROCURADOR DE ENIGMAS
- 26 TINTEIROS DA AFRODISIA ATREVIDA
- 27 DEFENSOR DE PROFECIAS
- 29 TINTEIROS DA CINZA E DO FOGO
- 31 TINTEIROS DA COPA DA CASA
- 32 TINTEIROS DA NARCISA OFERENDA
- 33 TINTEIROS DO CÂNTICO AZUL
- 34 TINTEIROS DA CASA E DO CORAÇÃO DESERTOS
- 38 TINTEIROS DA ANGÚSTIA
- 39 TINTEIROS DA LEMBRANÇA
- 41 TINTEIROS DA PASSAGEM

- 42 TINTEIROS DO TÉDIO
44 TINTEIROS DAS DÚVIDAS
45 TINTEIROS DO SER A DOMAR
47 TINTEIROS DA MÁGOA
48 TINTEIROS DOS DESERTOS
49 TINTEIROS DO ESTRANHAMENTO
50 REVIVESCÊNCIAS DO BELO
52 VIVÊNCIAS DO ETERNO
53 PRESENTIMENTOS DA DOR
54 TURBULÊNCIAS DA ALMA
55 MANEJO DOS SONHOS
56 PRELÚDIO DO REAL
57 CHÃO SANGUÍNEO
60 VISÕES DA GRANDE NOITE
63 A ESCURIDÃO VIRÁ?
65 TINTEIROS DA DESALMADA ILUSÃO
66 A CLARIDADE EXISTIRÁ?
67 TINTEIROS DO INTERROGADO À ESCUTA DE SI MESMO
69 TINTEIROS DO ÉTIMO DA ALMA
72 TINTEIROS DO OUTRO COMOVIDO
74 TINTEIROS DA MEMÓRIA AMARE
75 TINTEIROS RILKEANOS
76 TINTEIROS DO BANDOLEIRO-MENSAGEIRO
78 TINTEIROS DA FERA MAIOR
80 PROMOTOR DE ALQUIMIAS
- 83 DIEGO MENDES SOUSA: ENTRE O
APOLÍNEO E O DIONISIACO

AS DIVERSAS FACES DO TEMPO EM “TINTEIROS DA CASA E DO CORAÇÃO DESERTOS”

Por ALEXANDRA VIEIRA DE ALMEIDA –
Escritora e Doutora em Literatura Comparada (UERJ)

Logo no primeiro poema deste livro original do escritor Diego Mendes Sousa, temos o tema que vai percorrer todo o livro – o tempo – não em seu rosto único, mas em suas faces múltiplas, desdobrando um tema de uma nota solitária em toda sua amplitude de significados e matizes. Em “Tinteiros do Escuro Mergulho”, a infância é esta face da memória do tempo, em que o eu não é estático, mas passa pela transformação do tempo como “passagem”, “movimento”: “passa o tempo vivaz...” A casa hoje e a casa que ficou se interiorizam neste ser que admite o tempo como acorde dos sonhos: “Minha infância/é este rio cavernoso/que parte de mim para mim...”

E o tempo só se densifica na escrita e os “tinteiros” só fazem ressaltar esta metáfora da tinta como uma rasura no esquecimento, ferindo-o, para que a dor do sangue/tinta cubra as faces líricas deste eu peregrino que caminha pela casa e pelo coração desertos. O vazio foi o que ficou. Resta ao presente completar esta plenitude que se traduz como barulho, linguagem. A “tinta fresca” é presentificada, a memória é revivida e a essência de sua escrita é recordar. Como disse o grande teórico

da literatura Emil Staiger, a beleza do lírico é a “recordação” e nada melhor do que a poesia para trazer à tona todos os embates da memória, em seu ritmo, em sua pulsação magistral, num recorte que se quer inaugural, pois é volta, origem, infância, família: “Renascer nos rumores que não mais existem.”

Se no tempo da origem, temos este recordar, temos um corte preciso quando se fala das faces do amor, pois em “Tinteiros do Alento do Amor”: “Não há sentimento/no anímico subterrâneo / que restaure / o sonho das dores / vestidas / sob o Amor”. Aqui o tempo é algo ligado à ruptura com o real, o real do hoje que não consegue resgatar do esquecimento as memórias de Eros: “À sombra da sonata do céu de hoje/não desarma o choro já acontecido”. Neste sentido, o tempo adquire um outro segredo de sua multiplicidade, a imutabilidade do passado, como se ele quisesse permanecer em sua eternidade incógnita, ignota e indecifrável. A permanência do tempo é descosturar os véus do hoje que mancham, distorcem a visão completa da experiência vivida: “A casa por que passamos / preserva os hábitos / do errar permanente / à luz dos clarões / consumidos?” O tempo neste livro é visto em toda sua extensão, em sua grandiosidade, seja pelo viés do labiríntico ultrapassar das margens, das lacunas através do presente, seja para não medi-lo, tornando-o incomensurável e eterno, lembrando-nos aqui do “Essencialismo”, de Murilo Mendes, ao querer ultrapassar o tempo efêmero, que causa dor, como se a eternidade fosse um desarmamento da dor a partir do mistério.

Outra face do tempo é o erotismo na imagem capturada na sua “Musa-mulher”. Misturando o sagrado e o profano, temos a imagem de Vênus num de seus poemas magistrais, incluído no livro. Diego Mendes Sousa quer eternizar o tempo com a amada em estado divinizado, mas que não deixa de ter a imanência do jogo erótico. Aqui temos uma estratégia inovadora na poesia deste poeta promissor, a mistura dos tempos ditos anterior-

mente no repouso de sua Amada atual, presentificando tempos eternos, mas ao mesmo tempo inacabados com sua Musa, pois o erotismo é esvaziar e preencher o vazio, o passar do tempo e a eternidade, como já se traduzia no verso do grandioso Vinicius de Moraes, “que seja infinito enquanto dure”. Temos nesta “dupla chama do erotismo”, nos reportando a Octávio Paz, um paradoxo entre esta estaticidade que perdura com a corrosão da dor do tempo. Podemos ver no poema-título do livro esta dinâmica vazio-plena do sentido do tempo: “A morada é deserta/dos vazios repletos/de ardor.”

Portanto, temos neste livro de Diego Mendes Sousa estas faces do tempo em “peleja eterna”, com seus “clarões” e “vulcões”, traduzindo a imanência e a transcendência num só sopro de vida, costurando as respostas e as questões nos espelhos invertidos da memória. Neste poeta impressionante por seus poemas ricos e inventivos, temos a solidão da memória, pois esta traz a solidão profunda, mas ao mesmo tempo se avizinha com os fantasmas, tendo sua companhia nos vazios dos corpos. Nas suas “Visões da Grande Noite”, para além das transcendências e eternidades da memória, encontramos a simbologia noturna do imanente erotismo: “A noite é Altair / e seus perfumes / e sua seda de pele...” Assim, em Diego Mendes Sousa, o tempo é colocado como uma pintura numa moldura em que as simultaneidades dos pontos de vista se cruzam produzindo um perfume tão animador e vivaz como de sua Amada Musa que pode inebriar e extasiar o seu leitor que é ao mesmo tempo o poeta por ora aqui estudado, que é leitor e escritor de sua Musa inspiradora, o próprio tempo que se encarna e desencarna nas tintas claras e obscuras da memória.

Rio de Janeiro, março de 2017.



TINTEIROS DO ESCURO MERGULHO

Minha infância
é este rio cavernoso
que parte de mim para mim
na boleia de um coração
vazado de dores
nos anzóis do tempo
que corrói em si.

Povoo hoje
a casa
que me habita
crônica
nos relentos escuros
dos sonhos
– que creem que sou
condor de colinas
ao-deus-dará:

onde me mergulham?

TINTEIROS DE SEGAR RAÍZES

Chega o tempo imediato
em que todos temos
de segar as raízes

(como batatas ou cenouras,
beterrabas ou mandiocas)

antes que a terra-mãe
apodreça o limo
das nossas cascas
duradouras,
mas perecíveis:

passa o tempo vivaz...

expiramos contidos
desde o ventre.

TINTEIROS DA CEIA DA FAMÍLIA

Nascer no tempo
de todos os sonhos
inimagináveis
e no mistério do cheiro
que se avizinha
da tinta fresca
nas paredes da casa
da minha infância

Renascer nos rumores
que não mais existem:

o coração temporário
se alarga como madria
de mar secreto
e mexoalho
no mangue do Delta
do Parnaíba
– avejão que voou distante –
onde
à tarde
tudo silenciou
na atmosfera
paradisíaca de Deus!

Revejo constelações
que se foram
na magia da ceia
e suas cabalas magas

Bebi água
e foi chuva à louca
que levou meus olhos
àquela velha enxurrada
dos janeiros
da minha cidade antiga
onde encontrei o Amor.

TINTEIROS DO ALENTO DO AMOR

Não há sentimento
no anímico subterrâneo
que restaure
o sonho das dores
vestidas
sob o Amor

À sombra da sonata do céu
de hoje
não desarma o choro
já acontecido
nos meus olhos envelhecidos
por tristezas
nesta chama da tarde cinzenta
de outras auroras e crepúsculos
no tempo

Após o verão,
o inverno embrutecido
se hospeda em mim
como as noites
do traduzido-mágico
no imperioso de Deus

A música é a subsunção
entre o homem e o eterno
bem como a colmatação
entre a alma e a natureza
entre Altair e eu:

a translúcida tocata

TINTEIROS DO ANDRAJOSO NAUFRAGADO

O coração a que cheguei
era casa vencida
de medo.

Refiro-me àquela morada
do chão batido por dores

(onde descansei
as minhas armas
estrondosas)

mas também à inóspita
sangria à deriva,
à esquerda do corpo
maltrapilho.

Vou para a casa de Deus,
sábio de que a existência
terrena
é um propósito desigual.

Vou à casa de Deus
sem fortunas
sem glórias

sem ambições
a bordo de uma escuna
naufragante.

É Nele
que preservo
essa pobre
eternidade
do nada –
transcendido,
refém
da memória
e da saudade.

TINTEIROS DO ANDEJO SEM RUMO

Para onde vamos
não existe mais
a casa dos tinteiros
perante a qual
foram erguidos
os adágios sem pejo
e sem rumo?

A casa por que passamos
preserva os hábitos
do errar permanente
à luz dos clarões
consumidos?

Sonhos de pesadelos
caíram como telhados
despencados
no precipício
dessa casa escura
em ruínas.

Vivemos ainda
o tempo de um século
quando amar
são constelações
às ocultas.

TINTEIROS DA PROPENSÃO ALMEJADA

Entendido
em humanidade,
bacharel em poesia,
doutor em dor
inclinado
para o amor

(em proeminência
sobre o poema)

na obediência
à Musa.

TINTEIROS DA CASINHOLA DE PASSARINHO

Os poetas avocam a si
a música
que espanta
os espectros da vida
também enchapelam
o canto de alquimia

(Donde se avista as águas?)

que evoca o Amor
de mansinho
no seu mar de refúgio:

a casinhola de passarinho!

TINTEIROS À BILAC

“Pois só quem ama pode ter ouvido
capaz de ouvir e de entender estrelas”.

OLAVO BILAC

Câimbra que retrai
os músculos
como imã
que converge gravidade
ao furor oposto
defronte aos olhos
da amada.

O meu mistério
é vadiar à noite
como quem peca
irrequieto
a espiar estrelas.

PROCURADOR DE ENIGMAS

Parei o tempo.

Ele não parou por mim!

[tão de repente tão leve sono no imponderável(?)]

Nem poderia paralisar-se,

porque fiquei no tempo

como carrossel ilhado

[querendo não passar

querendo não acabar

no enigma do sonho inviolável(?)]

O tempo não parou para mim!

Ele não aparou os seus fantasmas

na vivenda dos mistérios

sempre em oferenda.

Procurador do seu destino miserável,

o tempo enterrou-se em mim.

TINTEIROS DA AFRODISIA ATREVIDA

À imitação da Vênus,
vi o teu corpo
de suave sombra
desenhada nas maçãs
sob o dorso varão
do semideus faminto.

À semelhança do meu destino –
caminheiro,
observei a pluma da tua vulva
a escapar no vento
dos beirais sonoros
em peleja
para o gozo ávido.

À beira do amor
e do tempo
e da beleza
de uma eternidade,
escrevo a mão
– divinizado –
na corrida desses cavalos
frente a frente.

À força do falo,
que rasga sempre
as tuas águas.

DEFENSOR DE PROFECIAS

Somos a parte obscura
do futuro. E todas as palavras
são suplentes do mistério
no capricho do olhar.

Quem do outro lado
não observa – à sombra –
a noite interminada?

É porque do sonho silencioso
e andarilho
não partilha da febre e da dor
servas do porvir?
Sob o fluir do Belo.
– Inconquista personificada!
– Perpetuidade!

Do oposto da tarde,
o infinito da ingloria magia
– cabala na cosmogonia dos pássaros
e temporais na flor da claridade
de um deus defeituoso!

Das promessas protetoras do humano,
o relógio do corpo coagulado
na reserva singular do Tempo

– poder criador, nevasca azul de fanais,
abarrotado e funesto.

Nós, defensores das profecias.
Nós, réus das ilusões eviternas.
Nós, pescadores das luzes enfurecidas.
Nós, sucessores de nós mesmos.
Nós, historiadores de uma falha memória.
Nós, cultores do abismo e da tragédia.
Nós, vendedores do pecado original.
Nós, acolhedores de primaveras perdidas.
Nós, opressores de Adão e Eva...
Somos tenebrosos sem destino.

TINTEIROS DA CINZA E DO FOGO

O homem é isto
o fogo em pó
sob a vida luzida

Não! Não!

A vida é como a fumaça
o calor conclusivo
sob a pele dos candelabros
escondidos

Mas o sonho
o tempo e o amor
não deixaram de replicar-se
no meu rosto

E ainda tento dormir
no tormento atroz de tudo
que agora me parece
constantemente
impossível

As cinzas são como as aves...

(o negro a revelar-se
negro
é branco de tinteiro
neste pó de fogo)

TINTEIROS DA COPA DA CASA

O abacaxi
e o seu aroma
de doçura agonizante
retrata o tempo
do lar da avó,
onde este poeta
registrou em memórias
(as lembranças d'ontem)
a dor das ausências
inconsequentes

A avó
que descascava
os abacaxis
da sua alma
(boníssima)
para que outrem
desfrutasse o açúcar
das recordações inesperadas

Sua casa
foi o pomar
imperial
dos espinhos

TINTEIROS DA NARCISA OFERENDA

Herôon onde cultivei
as brancas rosas do éden
nascente nômade de água: vou bebê-la

TINTEIROS DO CÂNTICO AZUL

Algazarra de pássaros

ruídos que se vão...
no coração sossegado
das manhãs e tardes
rompidas

(em silêncio
de remansos azuis)

que se faz mudez
em mim

TINTEIROS DA CASA E DO CORAÇÃO DESERTOS

A morada é deserta
dos vazios repletos
de ardor.

– Casa de espantos
desfigurados!
E de fantasmas
indesejados!

Lá fora,
diferentemente
das sombras
desse lugar,
o sol
em sentinela
sobre os telhados
vermelhos da dor
ponteia
as horas
dos deuses
inóspitos
e pássaros
são tristezas
colhidas

nas vozes
inominadas.

A casa
é deserta
de mundos
atormentados
no talude
de mim.

E o mirante
é um eco
refeito
de retornos
e agudos
titubeantes.

Onde estou
é solidão?
Para onde vou,
ainda hoje mistério?

E o labirinto
aceso
de vida
nos tinteiros.

E nas miragens
de anjos
que não rajam
o relógio da flor,
só o sonho
de assombros

do menino
que prescreve
incompreendido.

Não há Tempo
que não seja
resposta.

E eram outras
as memórias
que fugiam
sob a luz una
da infância
destinada
a afogar
almas
ou
a ensinar
desencantos
maiores.

Minha casa
foi o deserto
e a predestinação:
o assoalho
de arroubos
e a plenitude
de um nada
constante.

E todo Tempo
é ressaca
íntima:

sentença
de pouso
intocável?

E o coração,

no dorso
do inefável
de palavras,

{que do súbito
das mãos
arriba
as mesmas
ruínas?}

é também
penumbra
nas noites
desertas.

TINTEIROS DA ANGÚSTIA

Qual de vós alimentará, sob a vida,
a fortuna das mágicas mãos?
Qual de nós ofertará, ao homem, a criação
de um inesgotável testamento?
Quais de vós – poetas do mundo –
saberão luzes e profecias?
Quais de nós – poetas do sonho – acolheremos a
angústia sobre a última palavra do juízo de Deus?

Nem um nem outro transfigurará
a resistência do tempo.
Nem um nem outro alastrarão
a face do supremo.

TINTEIROS DA LEMBRANÇA

Daquela casa de muro baixo
e fachada esverdeada
(- onde moravam
os fantasmas áridos da infância)
estão todos se despedindo

Do velho lar
declinado da avó,
o primeiro a soletrar adeus
foi o avô
na antevéspera da quaresma
na antessala dos céus do Amor

Depois
era a vez coagulada
da tia-avó
em uma sucessão
verticalizada
que principiava
todos os abismos
de uma revoada antiga
aos olhos de um Deus
tarimbado e soberano
em suas escolhas
incontestes

E esses tombamentos como água
de uma chuva de alardes
(nos meses de maio)
foram clarões
de um espanto
que mergulha
afiado
e ardente
nas rosas
de uma febre
a extremar-se
na solidão
dos vulcões
da alma
e ainda recomposta
das dores
violentas e humanas
em peleja eterna

E os corpos foram tombos
E os corpos
foram só
caimento
E os corpos foram quedas
de um horizonte de pedras
e medos e incêndios e ruínas

Os corpos são lembranças?

TINTEIROS DA PASSAGEM

Tinteiros de pena doída
são os meus nervos
de veia e sangue
contraídos

TINTEIROS DO TÉDIO

O que sonhamos
além da partitura
– humanos de partida
não será o destino em chispada?

Não, não será...
e vejamos a guinada!
Nossos olhos tristes
(rumorejar distante de tudo)

e o tempo a atropelar
outros destinos
declinados:
choro de Deus
no horizonte
sem pressa
– céus do suspiro,
banjo de dor –
todos os rios
sem rumo
em declive
como a vida
ainda a explodir
cá dentro de nós,
onde a atmosfera

é um raio
de saudade
ensurdecida?

Chuvas do amanhã,
nuvens e pássaros...

Não, a nossa prece
emoção audível
– harpa ao longe
e intercalada
por mistérios
é um rosto reflexo,
aventura íntima
de uma travessia
oceânica
e incompleta.

O homem, à deriva,
o mar, o abismo,
as tréguas da alma:
o sol
fogo em debandada,
punhalada do tédio,
a mapear tinteiros
e poemas
extremamente
azuis.

Ó desesperados
ambulantes do amor
como as fugas
romeiras
na paisagem!

TINTEIROS DAS DÚVIDAS

Poeta ou Profeta é a sina que procuro?
Poeta e Profeta são os caminhos
que encontro?
Mago ou Visionário
são os destinos da natura?

TINTEIROS DO SER A DOMAR

É no mar que preciso
chorar para salgar
a doce alma
que se foi

É no mar que preciso
mergulhar
para afastar
o que lagrimeja
aqui
neste coração cansado
de dor e lampejos

É no mar,
em sua evolução
cristalizada
de ondas,
que preciso nadar
para ainda poder
viver
neste amargo lar
da solidão

É no mar
que domo
os meus dragões
e fantasmas

E abismo,
o meu contínuo
alarmado
de vésperas
e amanhã,
como ser-do-mar
que hoje sonha
náufrago
sem águas

TINTEIROS DA MÁGOA

Era tarde, nas escrituras da alma,
noite escura de mágoa,
quando escrevi poemas
sobre a dor
– essa sensação que sempre
me persegue recomposta
de luzes súbitas!
Aves arrebatadas de desejos
e os meus livros que são missais
de sonhos desconsolados:
metafísicas, candelabros, gravidades.

A palavra, ora destino,
é a miséria verdadeira
dos caminhos destampados
de tristezas vulcanizadas:

meu ressentimento terrível,
meus versos de música desigual,
minhas notas de uma solidão supina.

Poeta – trovador dos passos –
espantelho na aurora cravejado
de sombras que verdejam.

TINTEIROS DOS DESERTOS

Foste tu, Poeta, quem viu a luz
no fim da vida?
Seremos nós que ouviremos
os desertos de estranhamento
que saltam celsos do infinito?
Serei eu quem navegará nos céus,
quando o mar for o mesmo azul
de antes?

fomos tudo, somos nada
no limiar dos nossos vazios?

TINTEIROS DO ESTRANHAMENTO

Os Poetas parece conhecerem tudo,
por isso, são sábios ou eleitos?
Nomeada de pássaros ermitãos?

– Por mim
O Estranhável? O Ermo? O Escondido?
Que algum de nós revelou?

REVIVESCÊNCIAS DO BELO

Por que Amar é esta palavra que se diz sem se poder derramar o desvairado enigma? Por que o abismo é esta beleza, que revive em tudo, dentro dos outros mistérios estancados em nós? Por que permanecemos egoístas e tristes? Por que o ego se aprimora sensível? Por que reverdecer quando o negror nos habita? Por que o nunca é o acontecer após as primeiras horas da próxima manhã? Por que o absoluto é a face do mar relido nos saís da vida que repleto nos dói? Por que o absinto que paira nas coisas arde como cheiro de sóis? Por que a claridade sombria? Por que a saudade, este material contido que nos obriga a voltar? Por que o Tempo, o alimento das alquimias, as quimeras do lado de cá? Por que os ponteiros dos relógios estão noites, durante os dias? Por que as águas do ser refluem sempre sob o coração de rio? Por que as pedras são durezas do infinito, sangrias da voz na meia-luz? Por que o abrigo vertiginoso dos sonhos, neste nada que estamos metafísicos? Por que paraísos são céus e estrelas perdidas? Por que rajadas de aves na costa oceânica? Por que ver é flutuar com olhar fundido de horizontes renascidos? Por que a distância é uma celeridade de voo e desespero refletidos? Por que somos tão precários e abastecidos? Por que reflexivos? Por que os pássaros são frutos do ilusório, aparência de liberdade? Por que nascemos à margem? Por que seguimos à procu-

ra ou às cegas? Por que cantamos abertos à explosão das tardes? Por que os poetas mesmos são perfeitos em suas notas de sopro divinizado? Por que o outono e a primavera são irmãos sentidos? Por que as folhas e as flores no descampado interior? Por que o verão e o inverno são contrastes de chuva e sol? Por que morremos obscuros ou vermelhos, à deriva? Por que indagar o que não se responde, por quê? Por que ainda inquirir o que não se deve perguntar o porquê?

Porque não existem dúvidas
para as revivescências do Belo,
como não há resposta
para Deus.

VIVÊNCIAS DO ETERNO

Porque a humanidade é estreita,
faltam-nos as portas do Eterno?

PRESSENTIMENTOS DA DOR

Resistir à ansiedade
vital de estar aqui!
Visceralmente
humano
e incompleto,
lívido como os mistérios
da fatalidade
essencialmente
nossa
e explosivo
como a natureza
genuína em nós.

E ainda reassumir?

TURBULÊNCIAS DA ALMA

As palavras houveram-se
tão completas
que este poeta sempre
houve perplexo

a ouvir o mar
a olvidar-se do ser
a aceder
às turbulências
da alma
na coíma do olhar
translúcido de lágrimas.

E outra vez voar?

MANEJO DOS SONHOS

Ó Poeta,
hás os sonhos
para que a eternidade,
aflorada nas manhãs,
te conduza à existência
e a nossa precariedade
de passante?

Há-los na imaginação,
sempre.

PRELÚDIO DO REAL

Como transparência
de um dia cinzamargo,
sinto que o horizonte
não pôde arvorecer
no passado.

CHÃO SANGUÍNEO

Como um retrato
que ainda não se viu
no tempo,
afasto o espelho
que me atesta
os olhos negreiros –
vermelhos.

Sombra de uma alma
escuramarga
que se reviu enegrecida
na penumbra do olhar
reflexo,
denegrída.

De coração negro
no ius soli
rasgo o nefasto
que se sobrepõe.

Não sou o rio
escuro
que me levará
a saída da vida?

Ando – meu caminhar
é solidão de atmosfera
como sozinho
ultrapassei o útero
da minha mãe?

Ando – mais depressa –
porque caminhar é uma
urgência infeliz.

E se vagar, como quem flana
em terra estranha, em ninho
ius loci, é limitar o próprio
sonho?

Vago,
mas vago como um trem
apitando sereno os rumos
de seus vagões,
como túnel
obscuro
de um limiar ao fundo?

Ou morro como luz, riscando
os clarões, outros sineiros
no toque frenético do agoradeus?

Meu desejo é só ir.

Como quem vem
de paraísos distantes
Como quem vem
de casas perfeitas

Vou, pois de nada, minha promessa
é saudade de fumaça passageira.

Minha confissão é carga de apetrechos lentos
como lenço de rezadeira do interior
próximo, meu chão sanguíneo,
como perto se abisma o abismo do sono
que não se alarda do profundo

Som de pássaro, é manhã, novamente?

VISÕES DA GRANDE NOITE

A noite é negror que se destina
sempre negra de estrelas, brisa
marítima,
alma de lua, cometa repentino.

A noite é preta na alquimia
de um vidente de destinos.

A noite é vidência e silêncio
e paralisa os barulhos do dia
e comove o alimento dos gatos.

Toda noite é guardiã
das memórias da casa.

Toda noite é desértica
como os ventos da voragem
do amor crescido.

A noite é medo
que se avizinha nos cães
que se materializa nos ladrões
como o ladrar do coração.

A noite é enigma
é sopro triste
como tristeza
que se deseja
triste.

A noite é lágrima
ante os vulcões,
antes das palavras
azuis.

A noite é Altair
e seus perfumes
e sua seda de pele
e figo
seus aromas de sabor noturno
– fêmea –
como o sexo que sempre
anoitece puro
no fluido dos seus lábios
mais fundos.

A noite é fantasia
é profecia é carnalidade,
é na noite que as raposas
raptam
o selo virgem de sua caça
– famintas

A noite é poesia,
é mormaço de absinto,
além das outras visões
ancestrais da dor.

A noite é velha escudeira
dos rumores da rua,
dos fogos da lembrança,
que vertical sou.

A noite é mãe de Deus
e de todos,
pois a noite
misteriosa de Cristo
age na força dos tempos,
secretamente,
noite
sobre noite.

A ESCURIDÃO VIRÁ?

Na noite
em que a notícia
da Tua fuga
se anunciar forte,
a qualquer tempo,
quando as memórias
são aves que tardam
sem pouso,
já serei outro apavorado
– que só não se evoluiu antes –
por medo da vida
incompleta e absurda.

Ontem mesmo,
Teus mistérios foram palavras
que se horizontalizaram distantes
nos meus nítidos olhos tristes
– que se escondem
a pretexto de sono
a refletir os sonhos
de um galope de vero
amor.

Essa hora
será de silêncio

no coração
de uma prevista dor,
sempre adiada
por dentro.

Também escaparei
a amargar a saudade
completa
a avistar xananas
chaníssimas
na lápide
onde estarei
rendido
sob tormentos
e emoções
humanos

e a grande
escuridão
virá
depois.

TINTEIROS DA DESALMADA ILUSÃO

Cerram todas as cortinas?
Cerra-se a vida
que eminentemente
ultrapassei esta alma
desalmada de casa
e coração desertos

A CLARIDADE EXISTIRÁ?

Deus, meu deus,
que não creio
nem quero crer,
dai-me as asas
da falange
que Te cerca
e uma dose
suprema
de enigmas,
além da imensa
nobre claridade
diante de mim:
os sóis de mangues
que vazam sem dor.

Nos mares
de sal e feridas,
caminharei
nafragado
e Tua mão
existirá muda
no destino
das coisas
reveladas.

TINTEIROS DO INTERROGADO À ESCUITA DE SI MESMO

Custou ao poeta viajar
o atlântico
do seu impossível?

Esse poeta esqueceu-se
das águas do recordado
abismo?

Seu coração residido
no mar
situava-se na
travessa da infância?

Onde mora
enraivecido
o sol luze
enamorado das noites?

Preferir poetas a profetas
assusta horizontes?

Os sonhos procedem
da loucura do humano?

O poeta quer muito a poesia
no seu triste olhar
marítimo?

Simpatiza com o onírico
porque é pássaro
e levita?

O poeta visou a sua vida
por mirar em demasia?
Ou apenas
pretendeu
à felicidade absurda
dentro de si?

As mágoas almejam
ainda maltratar
esse amor de dor?

Os homens
anuíram a Deus?
Aludem ao tempo?

Coração que se alaga
à beça
chora sangue às escondidas?

Às ordens da Musa
que interpela
à escuta clara
das estrelas?

TINTEIROS DO ÉTIMO DA ALMA

Nas folhas da prudência cálida
em que me detenho infeliz
e aberto ao íntimo étimo
da lídima verdade
aprendi que a casa
é limo privado próximo
de compartimento
sob o cimo da liberdade.

Minha casa é o noturno
interior sozinho
vagão solitário no caminho
mimo da alma mínima
onde o meu medo
e a minha arrima
de fortaleza
são maiores ou menores
que o fosso cadimo do mundo.

Minha casa é o coração
deserto
nela imprimo
todas as individualidades
de poeta particular

minado das tintas falhas
do açaimo tinteiro.

Mas renasço
na força
cruenta
que desatina
no desaguar
da tristeza.

Renasço
das minhas mortes
circunstanciais
porque sou humano
e permito a Deus
os ínfimos pressentimentos
que reagem à dor de existir
tão desolado
em outro reflexo.

Minhas mãos, mãe,
se elas não amargassem
pessoais
na lareira
do mar vivo e aceso
de sol mensageiro
já teriam cometido
suicídios vários
e violentos
(poemas forasteiros)
– facão da morte
que prevejo
clarão.

E antes de toda
devastação poeirenta,
minha casa ainda sou eu
escudeiro da saudade
inteiro nas palavras
– que não as meço
companheiro das estrelas
e da lua
cheio de céu distante
meu coração
– eu sou cinzento
mesmo horizonte.

E guardo a memória
nos beirais da casa
arruinada
de eira azulada
e traiçoeiramente
preservada.

TINTEIROS DO OUTRO COMOVIDO

Já embriagado do espectro
mútuo do Amor
também mirara ébrio
o fosso da morte
e do seu próprio mito
de nevoeiro e sombra

– o tempo andou suave
no seu outro retrato renascido

experimentara o ódio
a raiva que durou os anos
nunca soube o perdão

até que se constatou
o estrondo das ruínas
nas iluminações absurdas

(a alma negra da distância
rumou-se para a casa
clara da saudade
em seus ossos de silêncio)

O Sol

– na plenitude
da sua dor de tormentos –

nascia ali?

TINTEIROS DA MEMÓRIA AMARE

Das minhas viagens,

preservo na memória
a manhã amare,

onde o dia renascia
longe ainda no mar
e eu lia os mistérios
– que dentro de mim
ascendiam apavorados!

TINTEIROS RILKEANOS

Todo mar é a sua superfície,
a poesia é um pressentimento
inacabado?

Todo poema é azado
quando ressuscitado?

Toda ave
é asada
no encontro
do seu próprio
infinito desmedido?

O Belo, ainda medonho,
é o transir dessas almas todas?

TINTEIROS DO BANDOLEIRO-MENSAGEIRO

Todos os sonhos se atulham
desertos na casa escudeira
e asseveram
que os nossos assoalhos
de fantasmas e chagas
estão vivos e inglórios,
e o segredo advindo
das noites agressivas,
redime a insônia
das verdades do amanhã
impossível.

Acordaremos temporãos
na amplidão dos dias
provisórios
e o que nos assalta ainda
em crime
é a profusão dos medos
banhados no sangue
do invisível-sensível?,
que vocifera em terror
de amargor e dor
a despertar os rastros
assassinos,

atmosfera dos bandidos fingidos
– que na quimera da primavera,
quiseram a têmpera áspera
da mísera cólera
dentro desse mesmo
atordoado sono
incompreensível.

E nessa espera,
puderam levantar
a fera que petenera
efêmera na tapera
das almas mui arruinadas
desse Amor admissível
(de saudade apenas?)
de memória e distância.

Nossos rostos de febre
no retrato escurecido
de coração inacessível:

seus estrondos e açoites

ouçamos!

TINTEIROS DA FERA MAIOR

Minha avó,
essa saudade
que paira nas noites
das nossas vidas distanciadas
– na ferocidade do destino
extremamente doído –
é só uma tarde para Deus!

No fim,
o crepúsculo traduzirá o sufoco
do tempo morrido
nos dias eternos
do sol-posto
sempre comigo

Nossa presença varrida
é um rio sanguinolento
a repetir a torrente guerrilha
das águas barrentas do século
– no meu peito
a correnteza de lágrimas
o jorro
o fosso
silenciados
por gritos
fundos

Vejo a luz:
a claridade da passagem
nos desassombros de tudo,
já que sou a sombra
da alma maior

PROMOTOR DE ALQUIMIAS

Com medo do luar feiticeiro e inquisitivo,
a noite fomentara os seus segredos
ao tempo da letargia de outrora.

Enquanto os vastos dezembros
permeavam uma névoa branca
na alma explosiva e estribeira,
os cajueiros na distância
promoviam fumaça nas chuvas de agora,
quando éguas entristecidas na maresia
bebiam girassóis sem água na foz do dia
e poldros nas trevas da alegria
se estendiam no horizonte da vida irradiada
a galopar o misterioso e o erótico comovidos
como cavalos naufragados em sóis
de um sorvedouro escuro e nostálgico
na fundura do mar enigmático do Amor.
– O céu dos pássaros fundado em beleza!
– Com as asas azuis a gritar: flor!

O Poeta acusara os seus faróis.
Sabia também que a procela,
ao longe,
caçava uma fera insular
de dupla entidade.

O Profeta sussurrara os seus espectros
tentando afastar o incêndio doído
nos anzóis do seu açougue carcomido
de melancolia divinizada na casa dos silêncios,
que jazia sempre à tarde,
e revestida em lume e amabilidade
de voo-ombreira e criativo.

O despenhadeiro do olhar queria claridade
e as mãos sondavam eternidade
até que o espetáculo da linguagem
fosse apenas alquimia arruinada
na sombria assombração de revelar
os seus passos de mago e de réu
– na caldeira da passagem mensageira –
confessos.



DIEGO MENDES SOUSA: ENTRE O APOLÍNEO E O DIONISÍACO

Por DARCY FRANÇA DENÓFRIO

Lançando um olhar sobre a obra lírica de Diego Mendes Sousa, é possível perceber que ela se divide, até agora, em duas partes. Uma é representada por seus quatro primeiros livros, intitulados *Divagações* (2006), *Metafísica do Encanto* (2008), *Fogo de Alabastro* (2011) e *Candelabro de Álamo* (2012), obras em que se notam visíveis substratos da mitologia grega e também romana. É inegável que já em seu primeiro livro, *Divagações*, em “Impulsão”, o poeta já aponta claramente para os mitos, traço que se tornaria uma tônica de sua poesia. Aí afirma: “Daqui/ sairão/ todos/ os mitos./ Inventarei o não existente”. E é interessante observar que, mesmo nesta sua primeiríssima obra, o poeta já usa, à p. 104, a interjeição “evoé”, grito festivo com que as bacantes evocavam Dioniso – ou Baco para os romanos.

Ainda nesse livro, o poeta falará também em Hidra, ou Hidras, Ícaro e ainda em mais uma ou outra figura da mitologia. Todavia a alusão a Dioniso nessa obra de estreia é especialmente importante, porque essa divindade está de modo muito presente e significativo nas quatro obras mencionadas.

Retornando a *Divagações*, primeiro degrau de sua lírica, percebemos que o poeta, quase um menino à época da publicação, já apresenta um dos elementos considerados indispensáveis por Aristóteles, ou seja, *physis*. Para o filósofo grego este elemento é a capacidade inata do poeta, a força criadora que não depende de qualquer ensino ou de qualquer saber. Mas a safra juvenil da produção literária de Diego Mendes Sousa revela também indícios daquilo que Aristóteles chama *techne*, ou seja, a cultura artística, o saber relativo à construção formal da obra, enfim, as regras que presidem à estrutura do poema.

Desta forma, mesmo sem o rigor verdadeiramente formal aristotélico, vamos encontrar, na obra de estreia de Diego, poemas visuais, poemas metalinguísticos, sem falar daqueles inspirados em partituras clássicas, como é o caso de um texto inspirado numa peça de Tchaikovsky. Além disso, há referências a autores respeitados da literatura universal, revelando o hábito do jovem poeta por leituras seletas, destacando-se a presença de Rilke. Em *Fogo de Alabastro*, no poema “Dois navegantes nas estrelas”, ele dialoga com Elegias de Duíno. Não é sem razão que o poeta afirma ter nascido numa casa de livros.

Embora *Divagações* seja o livro de sua estreia precoce, ele aponta para muitas direções líricas que depois iriam amadurecer. Há fragmentos metafóricos de poemas prenhes de sumo existencial. No texto de abertura, “Adágio”, concebido com a liberdade de estrutura que a juventude permitia ao poeta ainda adolescente (teria entre 15 e 16 anos de idade), saltam duas estrofes que comprovam o que acima dissemos. À página 5, lê-se: “que a vida é um trocado/ de tropeços/ a ficar pânica no desvão”. Em seguida, à página 7, no mesmo poema de abertura, registra: “Tudo de uma vida/ digere/ em outras vidas”.

Dois anos depois, publica a obra *Metafísica do Encanto*, onde o poeta cresce sensivelmente. Aí ele dirá na seção “Os Incônditos do Encanto”, página 56, num poema que corre solto como uma

disparada de Pégaso, este excerto profundamente existencial: “a vida é um desastre/ estrondoso/ de instantaneidade”.

Mas é ainda em *Divagações* que o poeta faz sete poemas tematizando a morte: “Chamado”, p. 35; “Na realidade sou assim”, p. 39; “Dueto”, p. 52; “Candelabro”, p. 57; “Entre mortos”, p. 61; “Busca”, p. 62; e “Vendo além”, p. 64. Podemos contabilizar ainda inúmeras vezes a palavra morte e cognatos, até mesmo no meio do discurso erótico, tanto nesta como em outras obras do autor. Até mesmo em *Fogo de Alabastro*, eminentemente o livro da amada, que redime o seu sofrimento de Dioniso despedaçado. O poeta começa com o poema “Visita”, onde a morte comparece no primeiro verso da primeira estrofe:

*Trafega o susto da morte
a imagem da orfandade*

A sombra de Tântatos que paira sobre obras de Diego, ainda tão jovem, se não aponta para duras perdas em sua infância, deve apontar para o receio de outras, como a possível morte da avó que o criou e que lhe é tão cara. Uma figura doce e amada em sua poesia, tal como se depreende dos comoventes versos a ela dedicados. Quanto a Tântatos, não é sem razão que se lê, como já se disse, no poema “Impulsão” da primeira obra de Diego. “Daqui/ sairão/ todos [...] os mitos”.

Eros e Tântatos, o amor e a morte, são presença constante na lírica de todos os tempos e também na de Diego Mendes Sousa. O primeiro exilará o segundo ao longo de sua obra completa, principalmente em razão do aparecimento de sua grande Musa. Na obra de estreia, no poema “Anúncio”, o poeta afirmava: “Estou à procura de uma musa”. E ele a encontra. Ela já aparece subentendida em *Metafísica do Encanto*, no poema “Abalo ao Anoitecer”, à p. 29, quando o poeta fala na “esmeralda de teus olhos”, esses olhos verdes que se tornam

um verdadeiro símbolo, senão uma metonímia de Altair Marinho, a Musa com quem se casa.

Vejamos um excerto delicadamente erótico desse poema:

*Teus enfeitiçados cabelos
teu eterno céu de cristal
que faz cair o crepúsculo
que clareia a esmeralda de teus olhos
e abre a carnosidade
de tua boca [...].*

Diego Mendes Sousa cresce geometricamente de *Divagações* para *Metafísica do Encanto* e podemos insistir que há mesmo sobre a planta baixa de boa parte de sua obra um lastro mitológico considerável. *Metafísica do Encanto*, obra com que ganhou o Prêmio Nacional de Poesia Olegário Mariano da UBE-RJ, é dedicada a, pelo menos, quatro das nove musas da mitologia grega, não faltando Érato, musa da poesia romântica, e Calíope, musa da poesia épica. A obra abre-se com uma epígrafe em que se flagra um excerto da fala de Fausto, de Goethe. Comparecem nesta obra, além de nomes de luminares da literatura mundial, que o poeta conhece como poucos em sua idade, também os de musicistas e pintores de alto escalão, revelando milhas de leitura e de conhecimento de música clássica e erudita.

Metafísica do Encanto é o título que o poeta extrai de um fragmento de um longo poema, à página 77. Aqui, mais uma vez, ele demonstra seu vasto conhecimento de mitologia greco-romana, conhecimento exposto até mesmo na ilustração da capa desse livro. Estão presentes na obra, praticamente as nove musas da mitologia grega, filhas de Zeus e Mnemósine. Nas duas folhas de dedicatória, aparecem pelo menos quatro delas, entre as quais a da poesia lírica e a da poesia épica. Também

são mencionadas, ao longo da obra, Vênus, Afrodite e outras figuras da mitologia, como é o caso de Pã e Ícaro. Esta obra lírica, que não deixa dúvidas quanto ao amadurecimento estético do poeta, apresenta versos mais conscientes, com lâminas líricas mais coesas e até mesmo mais contidas. Poderíamos dizer, versos mais apolíneos. Como exemplos, citaria “Sobras do crepúsculo” e “Serenata aos iludidos”, este último um poema que abre e se fecha em magnífica forma circular. Nele o primeiro e o último verso, depois de uma relativamente longa lâmina lírica de permeio, se completam, de forma aparentemente circular:

Amor não me deixa sofrer...

[...]

Amor não me deixa morrer

Como já dissemos, fica-nos, mais do que a impressão, a certeza de que sua musa *Altair* está ali insinuada, pela primeira vez, no poema “Abalo ao anoitecer”, em que o poeta fala da “esmeralda de teus olhos”. Esses olhos verdes, às vezes de forma reiterada, como se verá depois em *Fogo de Alabastro* – “Pupila de Farol/ verde, verde, verde” – não nos deixa enganar. São sempre os da verdadeira Musa de Diego. Olhos que o enfeitiçam ou o enfeitiçaram desde sempre.

De fato, grande parte da obra completa de Diego lembra-nos *O nascimento da tragédia*, de Nietzsche, trabalho em que o filósofo estabelece a distinção entre o apolíneo e o dionisíaco. Este filósofo considera-os como perspectivas opostas e complementares entre si. Como se sabe, Apolo é o deus da clareza, da harmonia e da ordem, enquanto Dionísio é o deus da exuberância, da desordem e da música. Dioniso, ou Baco, é o deus do vinho, da ebriedade, dos excessos, especialmente sexuais, e da natureza. Essas duas forças que se complementam, segundo o filósofo, só foram separadas pela civilização. Para Nietzsche, a tragédia gre-

ga atingiu a sua perfeição na reconciliação da “embriaguez” e da forma, de Dioniso e de Apolo, e só começou a declinar quando, aos poucos, foi invadida pelo racionalismo, sob a influência “decadente” de Sócrates. Na poesia de Diego Mendes Sousa, o apolíneo e o dionisíaco são visivelmente complementares.

Ao se lançar uma visão macroscópica sobre as quatro primeiras obras de Diego Mendes Sousa, já não se tem dúvida: nelas existe um casamento visível entre o apolíneo e o dionisíaco, embora ele até fale muito mais em Dioniso, porque frequentemente o encarne. Logo que li sua obra lírica completa, vi sob a sua planta-baixa, ou unindo as grandes articulações de suas obras, aquelas ideias de Nietzsche sobre a arte. Aliás, é este, segundo soube, um de seus filósofos prediletos. Portanto, sua obra não é apenas dionisíaca. Soube estabelecer, no *crescendum* de sua poesia, uma aliança fraterna entre Dioniso e Apolo. Mesmo quando não fala em mito.

Em *50 poemas escolhidos pelo autor*, pudemos observar algo novo na lírica de Diego Mendes Sousa. Fragmentos de “Um Estro Temporão”, última seção de *Metafísica do Encanto*, pág. 65, são reorganizados e acomodados com mais rigor, aparecendo somente agora em pequenas seções, marcados com algarismos romanos. Parece um retorno à ordem, ao apolíneo, à complementaridade entre essas duas forças antagônicas, que não devem se excluir. O fenômeno do dionisíaco, para Nietzsche supunha “um dizer sim sem reserva, mesmo ao sofrimento, mesmo à culpa, mesmo a tudo o que é problemático e estranho na existência”. Para ele, “nada do que é deve ser excluído”. E o poeta Diego não exclui. Vejamos apenas um fragmento de “Um Estro Temporão”, de *Metafísica do Encanto*: “Que fofosas putas/ depois do sexo/ laceram a vagina/ com vinagre e limão/ e dentro da solidão/ urinam-se de falos”.

Apolo, no plano da expressão, é, em Diego, a busca do belo, da verdadeira dicção poética, que ele alcança por exce-

lência na bela obra *Fogo de Alabastro*. Basta lembrar o poema “Evoco-te, Figo Maduro, para não morrer na saudade imensa”, título homônimo de uma estrofe do poema que mereceu tradução da professora, tradutora, ensaísta e poetisa Helena Ferreira. Eis um fragmento do poema:

*Alabastrino raio
que principia
a lírica instância
da Roma*

*E acenou aos deuses
a fúria da brancura*

*Pele de jasmim
fêmea atracada no porto incendiário
entre a ternura e o afago
[...]*

Dioniso é o desesperado amor do poeta, seu coração de vinhas que alcança o seu máximo lírico também em *Fogo de Alabastro*, o livro por excelência de sua musa Altair. Essa que o fez reviver e lhe deu a possibilidade de dizer, no poema “O Vinho do Amor”, à p. 19, de *Candelabro de Álamo*: “Dionísio está vivo!”. A divindade encarna o poeta, e o poema termina reiterando a oração por três vezes e culmina com a ideia de que Dioniso já foi destroçado pelos Titãs (os que a vida lhe reservou) e renasceu, como se depreende dessa transcrição que fecha o poema:

*“Pois Dionísio está vivo! Está vivo! Está vivo!
(e vai ecoando redivivo)”*

Dos quatro primeiros livros publicados, *Fogo de Alabastro* é o mais apolíneo no que se refere à perfeição da forma, e o mais dionisíaco no sentido da desesperada entrega de seu amor à musa, como se lê em “Utopia”:

*Para onde
os teus olhos verdes
apontam
é a rota*

A outra parte da obra poética de Diego Mendes Sousa, é representada por livros que formam uma verdadeira unidade: a busca do poeta ou do “eu lírico” por suas raízes. São eles: *O Viajor de Altaíba* (2013), obra ainda inédita, chamada o livro do exílio voluntário pelo poeta, onde sua alma sangra; *Alma Litorânea*, onde se flagra a plenitude da terra natal reencontrada, obra publicada em 2014, depois de seu retorno de Maringá-Paraná, cidade onde se “exilou” por uns tempos; *Gravidade das Xananas* (2015), pequeno grande livro com força filosófica de visões a partir de uma genuína flor da Parnaíba, sua realidade natal. Os poemas levam o título de Ensinaamentos: sobre a solidão, a tristeza, a felicidade, a miséria e tantos outros sentimentos que assolam a alma humana. São “ensinaamentos” ou reflexões esses poemas dedicados a amigos, apontando verdades extraídas dessa flor.

Essa trilogia que forma uma unidade está profundamente imbricada a Parnaíba, o torrão natal muito amado pelo poeta. Essa trilogia inclui, de modo subjacente, a sua história, a de sua gente, a natureza, com referências à fauna e a flora, enfim, são obras em que Parnaíba, cidade da costa norte do Piauí, que é o seu mundo encantado, lhe serve de inspiração. Mas não nos esqueçamos de que um fundo existencial, senão universal, marcará sempre presença em sua obra completa. Mais precisa-

mente, constitui sua temática todos os sentimentos que fazem a essência do ser humano e que poderão marcá-lo em diferentes etapas da vida: a solidão, a tristeza, a felicidade, a miséria, a fortuna, a velhice, a juventude, a vida, a morte, a melancolia, a dor, o amor, enfim, matizes até mesmo antitéticos que colorem a vida humana em sua trajetória.

Vejamos alguns detalhes da trilogia de Diego Mendes Sousa, ou dos livros que o ligam à sua terra natal. O primeiro deles, *O Viajor de Altaíba*, é uma criação toponímica, cidade imaginária do poeta, mas bem real, porque é a sua bela Parnaíba, que estabelece um contraponto com *Alma Litorânea*, obra que tematiza o retorno tão desejado pelo poeta ao seu recanto natal, após *O Viajor de Altaíba*. Por razões que não sabemos explicar, o livro de poemas *Alma Litorânea* foi concebido e publicado em 2014, quando da volta do poeta a Altaíba (leia-se Parnaíba). Foi escrito, portanto, posteriormente a *O Viajor de Altaíba*, concebido em 2013, obra que se publicará somente agora, e que tem sido chamada “o livro do exílio”. O autor anota em rodapé, na folha de rosto dos originais: “Este livro foi escrito em um exílio voluntário, longe da minha alma litorânea (Parnaíba - PI) durante o ano de 2013”. O fato de ser voluntário, não alivia a carga do exílio.

Na verdade, temos uma trilogia que forma uma unidade: *O Viajor de Altaíba*, obra inédita; *Alma Litorânea*, que abriga a plenitude da terra natal imaginária, publicado depois de seu retorno de Maringá, cidade onde se “exilou” por uns tempos; finalmente a *Gravidade das Xananas*, uma incursão lírico-filosófica por temas a partir de uma flor natural da Parnaíba, berço do autor. Este livro que é pequeno em extensão, mas de visível importância na obra do autor, veio a lume em 2015. Embora a palavra xanana esteja dicionarizada também como pessoa com hábito de ter suas ações, atos e atitudes frente à vida, baseados na verdade absoluta, na praticidade das soluções, de forma que

seja sempre o mais objetivo e simples possível, o autor chegou a me revelar que não utiliza a palavra apenas para significar uma flor silvestre que cobre de beleza o chão da Parnaíba todas as manhãs, e que isso se acentua com as chuvas de dezembro a maio. Não, ele a utiliza em todos os sentidos catalogados, inclusive os dúbios, mesmo o erotismo velado.

O título do ainda inédito *O Viajor de Altaíba* comporta uma invenção lírica, como se disse, ou melhor, uma montagem lírica formada de duas palavras: *Altair*, a grande musa do poeta, a sua amada, e *Parnaíba*, o torrão natal do poeta. Portanto um topônimo poético de altíssima significação, porque ele se converte também no poeta, que se imbrica à sua musa. Altaíba, assim como Pasárgada de Manuel Bandeira, remete ao extremo oriente, quem sabe ao edênico campo dos persas. E sabemos que no extremo oriente, existe para os viajores o Al Taiba, edênico a seu modo.

Este é um livro cujo teor biográfico não pode ser desprezado. A Teoria da Literatura estabelece distinção entre “eu lírico” e o “eu biográfico”. Não são, de fato, a mesma coisa. Mas jamais duvidei de que esses dois universais estivessem profundamente imbricados, o segundo dissimulado no primeiro, por meio da *persona* (ou máscara) lírica. Eles comunicam-se, frequentemente, por osmose lírica. É inegável que o poema se vincula ao universo psicofísico e sócio-cultural de seu autor. Apenas não se subordina a eles. Reconheço que um “eu” puramente biográfico seja incompetência poética do autor. Mas aplaudo Diego Mendes Sousa quando ouço esse poeta de primeira grandeza declarar numa entrevista em rede nacional: “Meus poemas são testemunhos de mim mesmo”. Não há como negar esse fato. Assim como não se pode negar a ideia de Staiger de que quanto mais lírico o poema, menor será a distância entre o eu e o mundo, que se fundem e confundem. Não

haverá distanciamento e, sim, a fusão entre sujeito e objeto, o eu e o mundo.

O *Viajor de Altaíba* é um livro que revela sofrimento. Há um poema comovente, quase uma elegia, na seção SOLILÓQUIO DE UM RATO, que começa *ex-abrupto*: “Foram embora os meus livros...”. Logo no início, aparece uma metáfora bem concebida, evocando a devastação, a queima da grande Biblioteca de Alexandria. Não sem razão, pois o poema fala da perda dos livros do poeta Diego, livros que são marcos visíveis de sua erudição e história pessoal: Rainer Maria Rilke, Goethe, Hölderlin entre tantos outros que faziam parte de sua biblioteca, recanto de um mundo que o poeta criou para si mesmo. De fato, ao sair do Paraná, o poeta teve de vender a sua ampla biblioteca, composta de mais de seis mil exemplares, para diversos sebos da cidade de Maringá. Era inviável repatriá-los à sua terra natal.

Nota-se o sofrimento a partir do primeiro poema, “O viajor”:

*Coloquei a bagagem no dorso de meu destino
Disseram-me: Não vá!
Eu fui armado
na fé
de viajor de sonhos
e passageiro caminhante e andarilho
nos trilhos de meu trem descompensado
[...]*

Neste poema aparecem versos que denotam desolação e tristeza. Vejamos:

*Na rota da vida sombria:
a viagem de solitários traços!*

E sobretudo o fecho:

*Meu misterioso passar
com os pés no escuro*

Contraditoriamente, o poema seguinte, denominado “Altaíba”, é todo uma declaração de amor à sua musa Altair. Aí o poeta se transforma em um “viajor/ do mais amar. Este é, na verdade um livro de dor e de amor. Mas tudo fica subentendido, como convém à verdadeira poesia. O poeta sabe disto e assim se exprime de forma metalinguística:

*A esperança da poesia
é ser noturna.*

A dor se revela em muitos momentos dessa obra. O poema “Exílio”, assim se inicia, numa alusão à saída de sua terra:

*Quando deixei os ares
da terra santa
resolvi andar
em sina cigana
para chegar
no choro dos guarás.*

Aqui Diego faz menção às belíssimas aves litorâneas (que choram com o poeta ou por ele?) próprias de sua terra, no Delta do Parnaíba, e, coincidentemente, também do Paraná. Não nos esqueçamos de que ele se “exilou” em Maringá. Termina o poema com esta estrofe: “Vou / no silêncio / do exílio”.

A alternância entre dor e manifestação de amor profundo, aparece, entre outros, no belíssimo poema anafórico propositalmente chamado “O intervalo” (de sofrimento?), dedicado

à sua amada. São seis estrofes, começadas com o mesmo verso: “Porque amei os teus olhos verdes”. Mas Dioniso despedaçado, em “vinhos e fugas” não deixa de aparecer no poema “O zín-garo”, da mesma obra.

Diego desenvolve agora *Tinteiros da Casa e do Coração Desertos* e, igualmente, *Coração Costeiro*, inéditos exclusivos para sua *Poesia Reunida*, a sair. Pelos poucos poemas que conheço, serão livros maduros, com pendor para o existencial. Aliás, maturidade que Diego Mendes Sousa já alcançou há tempo. Um advogado que se dedica à poesia brasileira em tempo integral, que a divulga em seu blog literário para o Brasil inteiro, que penetra nos arcanos do que melhor aqui se produz ou já se produziu e vai exercitando também o papel de crítico literário, só poderia mesmo crescer e alcançar um timbre próprio para sua poesia, que já não pode deixar de ser reconhecida. E com a marca do talento de quem já domina as técnicas da lírica contemporânea ou os traços estilísticos do poema lírico, emblemáticos dos melhores textos literários.

Quanto mais amadurece, mais Diego Mendes Sousa deixa claro, em sua obra, aquela convivência pacífica entre o apolíneo e o dionisíaco. O primeiro, na busca incessante da perfeição da forma literária. O segundo, naquele dizer sem reserva a tudo quanto é problemático e estranho na existência e, principalmente, na desesperada entrega de seu amor.

[...] Coração dos mangues
quebra nas praias
de um deserto de dunas

(finuras de Deus
às calhas azuis
dos meus paus)

De naufrago
à terra natalícia
onde perdi o marejar
dos olhos vagidos
de dor
mirada de crustáceo
à alerta
no afluxo das marés

Goiânia, fevereiro de 2016.

DARCY FRANÇA DENÓFRIO (Goiás, nascida em 1936), uma das maiores *intellegentia* da crítica literária brasileira. Estudiosa das obras completas de Cora Coralina, Fernando Py, Gilberto Mendonça Teles e Afonso Félix de Sousa. Também exímia poeta com imagética lírica metafísica, autora de *Amaro Mar* (1988) e *Uma Voz e o Silêncio* (2014). Recebeu o Prêmio Jorge de Lima da Academia Carioca de Letras, por Ínvio Lado, em 2000.



DIEGO MENDES SOUSA nasceu na Parnaíba, litoral do Piauí, em 15 de julho de 1989. Escritor e jornalista, foi também empresário e, depois, advogado. Hoje é funcionário público federal, a procurar destinos.

Elaborou *DIVAGAÇÕES* (2006); *METAFÍSICA DO ENCANTO* (2008); *50 POEMAS ESCOLHIDOS PELO AUTOR* (2010); *FOGO DE ALABASTRO* (2011); *CANDELABRO DE ÁLAMO* (2012); *O VIAJOR DE ALTAÍBA* (2013); *ALMA LITORÂNEA* (2014); *GRAVIDADE DAS XANANAS* (2015); *TINTEIROS DA CASA E DO CORAÇÃO DESERTOS* (2015); *CORAÇÃO COSTEIRO* (2016); *FANAIS DOS VERDES LUZEIROS* (2017) e *ROSA NUMINOSA* (2018).

Laureado com os seguintes galardões: PRÊMIO OLEGÁRIO MARIANO DA UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES DO RIO DE JANEIRO (UBE-RJ), em 2009, por melhor livro do ano; PRÊMIO CASTRO ALVES DA UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES DO RIO DE JANEIRO (UBE-RJ),

em 2013, pelo conjunto da obra; e PRÊMIO JOÃO DO RIO DA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS (ACL), em 2016.

Membro titular correspondente da Academia Carioca de Letras (ACL), bem como da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ). Membro efetivo da Associação Nacional de Escritores (ANE) e do PEN Clube do Brasil (Rio de Janeiro).

Recentemente, foi eleito para a Academia Brasileira de Direito, para Academia Cearense de Direito e para a Academia Piauiense de Poesia.

Na juventude, aos 23 anos de idade, concorreu na sucessão de Lêdo Ivo para a Academia Brasileira de Letras (ABL).

EDITOR A

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

A U T O R

E-mail: diego_mendes_sousa@hotmail.com
Tel: (86) 99451-5454

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em fevereiro de 2019.

o abismo das visões. Sinto-me predestinado a escrever o testemunho vertical e horizontal das misérias e das glórias humanas, como porta-voz de um grande crime interior, repleto de tormentos e dores ainda maiores.

Escrever é estar no vazio dos pensamentos. É uma alquimia de sonhos transmutada em palavras.”

Depoimento do autor



DIEGO MENDES SOUSA nasceu na Parnaíba, no litoral do Piauí. Com a sua obra “Metafísica do Encanto” (2008), foi galardoado com o Prêmio Olegário Mariano da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ). Como Escritor, é membro efetivo da Associação Nacional de Escritores (ANE). Como Advogado e Jurisconsulto, pertence à Academia Brasileira de Direito. Como Jornalista, fundou o jornal O Bembém, com Benjamim Santos e Tarciso Prado. Atualmente, é Funcionário Público Federal.

“ Os novíssimos, (...) Registro, igualmente, (...), e a figura que surge com “arrebato lírico”, no dizer de Lêdo Ivo, que é poeta e crítico, Diego Mendes Sousa, filho da Parnaíba, de que muito se dirá, tendo publicado *Fogo de Alabastro*, *Candelabro de Álamo* e *Metafísica do Encanto*, com a expressão de um novo Simbolismo, com ambição e alteza.”

CARLOS NEJAR em História da Literatura Brasileira
– Da Carta de Caminha aos Contemporâneos (terceira edição revista e ampliada, Editora Unisul, 2014).



editorapenalux.com.br